**A TRAJETÓRIA DO CORDEL NO BRASIL, EM PROSA E VERSO.**

Por **Marco Haurélio**

A literatura de cordel que imperou no Nordeste, desde os últimos anos do século XIX até o terceiro quartel do século XX, é, em linhas gerais, a poesia popular impressa e herdeira do romanceiro tradicional, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento). O cordel é um dos galhos da árvore da poesia popular, como o repente também o é. Mas, cordel e repente não são a mesma coisa, pois, à medida que a árvore cresce, os galhos vão se distanciando, embora estejam unidos pela origem comum.   
Grandes repentistas se aventuraram pelas sendas do cordelismo, a começar por Silvino Pirauá de Lima (1848-1913), um dos pioneiros da literatura popular, autor dos clássicos *O Capitão do Navio* e *Zezinho e Mariquinha*. Outros poetas que transitaram por ambas as sendas foram José Galdino da Silva Duda, José Vila Nova (pai do famoso Ivanildo Vila Nova), Natanael de Lima e Severino Borges Silva, entre outros grandes nomes já falecidos. Entre os vivos, vale citar José João dos Santos, o Mestre Azulão - paraibano radicado no Rio de Janeiro, um dos fundadores da feira de São Cristóvão - e Antônio Américo de Medeiros, potiguar estabelecido em Patos, Paraíba. Repentistas que se aventuram com sucesso pela literatura de cordel, apesar de raros nos dias atuais, existem. E gente do primeiro time: Geraldo Amâncio Pereira, apresentador do programa televisivo Ao Som da Viola, pela tv Diário; Sebastião Marinho, presidente da União dos Cordelistas, Repentistas e Apologistas do Nordeste - UCRAN, sediada em São Paulo; e Zé Maria de Fortaleza, para ficar em alguns poucos, mas significativos nomes.  
Então, tiremos de uma vez por todas a dúvida: repentista não é cordelista, e cordelista não é repentista. Repentista pode ser cordelista, e vice-versa. Mas não é regra. Quando a literatura de cordel, ou de folhetos, estava engatinhando e tomando forma, no tempo do poeta maior Leandro Gomes de Barros (1865-1918), viviam, na região do Teixeira, Paraíba, afamados cantadores, como Inácio da Catingueira, Romano da Mãe d'Água e o próprio Pirauá. Havia uma presença mais marcante da oralidade, pois, nesse tempo, eram poucos os alfabetizados. Mas, nas raras horas de ócio, as pessoas se reuniam em torno de alguém que soubesse ler, e deleitavam-se com os romances fenomenais do Mestre Leandro: *O Cachorro dos Mortos*, *Os Sofrimentos de Alzira*, *A Força do Amor*, *O Boi Misterioso*. Outros poetas surgiram, alguns geniais.  
A edição e a comercialização da literatura de cordel atingiram um alto grau de profissionalismo com João Martins de Athayde, poeta paraibano estabelecido no Recife, e com Francisco Lopes, pernambucano levado pela onda migratória a Belém do Pará, onde dirigiu a lendária Guajarina. Outros editores que aperfeiçoaram o comércio do cordel foram José Bernardo da Silva, sucessor de Athayde, em Juazeiro do Norte, João José da Silva, com a Luzeiro do Norte, em Recife, e Manoel Camilo dos Santos, que pontificou entre Guarabira e Campina Grande. Outros nomes dignos de nota são: José Alves Pontes (Guarabira), Joaquim Batista de Senna, paraibano que fez história no Ceará, e Manoel Caboclo, estabelecido com sua folhetaria Casa dos Horóscopos em Juazeiro.   
Em São Paulo, desde os anos de 1910, existia a Tipografia Souza, fundada pelo imigrante português José Pinto de Souza. Em 1950, dessa tipografia surgiu a Editora Prelúdio, dirigida pelos irmãos (adotivos) Arlindo Pinto de Souza, filho de José, e Armando Lopes. Dois anos depois, a editora publicaria seu primeiro cordel no formato que a consagrou, com capa em policromia e tamanho maior que o nordestino (13,5x18). Era um romance chamado *O Amor que Venceu*, de Antônio Soares de Maria. Um dramalhão muito ruim, diga-se. No mesmo período, o ex-garimpeiro e poeta popular Antônio Teodoro apresenta alguns originais à editora. Teodoro escrevia sobre tudo, para todos. Seu cordel *Vida e Tragédia do Presidente* *Getúlio Vargas*, de 1954, escrito após o suicídio de Getúlio, vendeu, na primeira edição, impressionantes 260 mil exemplares. Começava o período áureo da literatura de cordel fora do Nordeste.   
Entretanto, o tempo, os problemas econômicos, o êxodo rural e a escassez de bons poetas, após a geração que vai até a década de 1940 (Enéias Tavares dos Santos, João Firmino Cabral, Manoel Monteiro, João Lucas Evangelista, Mestre Azulão, Cícero Viera, entre outros), fizeram com que as trombetas fúnebres, na década de 1980, decretassem a morte do cordel.  
A editora Luzeiro, sucessora da Prelúdio, foi a única a sobreviver às crises, e seguiu imprimindo os clássicos do gênero sob a orientação abalizada de Manoel D'Almeida Filho. Em 1990, Arlindo Pinto vendeu a editora à firma dos Irmãos Nicoló, e a Luzeiro passou por um período de dificuldades, no mesmo período em que morreu Manoel D'Almeida Filho, amargurado ante o futuro incerto da editora e da própria literatura de cordel. Hoje, Gregório Nicoló é o único proprietário, e a Luzeiro, superando os problemas, renova suas publicações, mantendo os títulos tradicionais, ainda com boa aceitação popular.  
Nos anos de 1990, surgiu no Ceará uma nova geração de talentosos poetas populares, capitaneada por Klévisson Viana, que fundaria a editora Tupynanquim, em Fortaleza. Klévisson, juntamente com seu irmão Arievaldo Viana, Rouxinol do Rinaré (nome de guerra de Antônio Carlos da Silva), Evaristo Geraldo, José Mapurunga e outros valores daquele estado restituíram a Fortaleza a tradição que teve nos poetas editores Moisés Matias de Moura, Luís da Costa Pinheiro e Joaquim Batista de Sena, firmes baluartes há tempos atrás.  
No Rio de Janeiro, Gonçalo Ferreira da Silva, cearense de Ipu, poeta com raízes eruditas e populares, concebeu e deu vida à Academia Brasileira de Literatura de Cordel, a ABLC, em 1988. Na ata de fundação, nomes históricos da literatura de cordel emprestaram seu prestígio à entidade. A Academia acabou se fundindo com a Casa de Cultura São Saruê, criada pelo General Umberto Peregrino, e incorporou ao seu acervo preciosidades hoje à disposição de estudiosos e entusiastas do cordel. Outras entidades espalhadas pelo Brasil continuam a luta encampada por Rodolfo Coelho Cavalcante (1918-1986), maior liderança da história do cordel, responsável pelo Primeiro Congresso de Trovadores e Repentistas, de 1955.  
Os maiores sucessos são os eternos clássicos *O Pavão Misterioso* (José Camelo de Melo Rezende), *A Chegada de Lampião no Inferno* (José Pacheco), *As Proezas de João Grilo* (João Ferreira de Lima) e *A Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum* (Firmino Teixeira do Amaral). Lampião é a personagem histórica de maior projeção, e sua popularidade resiste à era digital. O maior romance ainda é *O Direito de Nascer*, de Manoel D'Almeida Filho, com 719 sextilhas. No formato livro, ressalve-se.   
É nesse formato que o cordel está chegando a um outro público, além do tradicional. Em São Paulo, neste 2008, a editora Nova Alexandria lançou, sob minha coordenação, a Coleção Clássicos em Cordel, com releituras de obras clássicas por cordelistas respaldados. Já foram impressos *O Corcunda de Notre-Dame*, de João Gomes de Sá, e *Os Miseráveis*, de Klévisson Viana, ambas adaptações de obras famosas do escritor francês Victor Hugo. Outros títulos estão a caminho.

**Ilustrações**

A ilustração não nasceu com o cordel. Antes, eram usadas as chamadas "capas cegas", sem qualquer ilustração. A xilogravura é um fenômeno relativamente recente, apesar de ter sido usada em 1907, na ilustração de uma capa de um folheto de Francisco das Chagas Batista enfocando Antônio Silvino. Fato isolado. Os desenhos e os clichês de cartões postais e com fotos de artistas de Hollywood eram os preferidos dos editores, a começar pelo lendário Athayde. A xilogravura nunca teve ampla aceitação no meio popular, mas a Academia a adotou como a ilustração por excelência dos folhetos de cordel. A bem da verdade, diga-se: a xilogravura é a ilustração mais característica, mas não a única. A essência de um bom cordel está no texto, não na capa, no vestuário. O cordel (texto e ilustração) evoluiu, e nenhum poeta ou editor antenado abre mão da tecnologia para oferecer ao público edições bem cuidadas. Sem esquecer a tradição, sem desprezar a modernidade. O cordel, por conta disso, chega vivo e com fôlego ao século XXI.  
Eis um resumo da trajetória do cordel no Nordeste brasileiro e da sua expansão levada a efeito pelo migrante nordestino, o pau-de-arara. A mesma história pode ser contada em sextilhas de sete sílabas, que, por sinal, é a estrutura poética mais comum na poesia popular. Abaixo, um cordel que escrevi com o adjutório de João Gomes de Sá, que integra o Projeto Literatura de Cordel: Feiras e Oficinas, apoiado pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

O CORDEL: SUA HISTÓRIA, SEUS VALORES

**Marco Haurélio** e **João Gomes de Sá**

No Nordeste brasileiro,  
Conservados na memória,  
Romances, contos e xácaras  
Lembravam a antiga glória  
De Portugal e da Espanha,  
De que nos fala a História.

Era esse o tempo das gestas  
Dos cavaleiros andantes,  
E essa poesia rude  
Dos bardos itinerantes  
Foi trazida para a América  
No bojo dos navegantes.

Essa poesia foi  
Cantada pelos jograis,  
Celebrando os grandes feitos  
Dos heróis medievais,  
E também falando sobre  
Romances sentimentais.

E quando começa o ciclo  
Das Grandes Navegações  
De Portugal e da Espanha,  
As antigas tradições  
Vão se acomodando aos poucos  
Pelas novas possessões.

No Brasil, as tradições  
Assim vão se fixando,  
Com as levas de colonos  
Nas caravelas chegando,  
As regiões litorâneas  
Vão pouco a pouco tomando.

O índio, dono da terra,  
Pra não ser escravizado,  
Vivendo no litoral  
E se sentindo acossado,  
Resiste, contudo vê  
O seu esforço baldado.

Da África chegam os navios  
Dos traficantes negreiros,  
Que tornarão em escravos  
Os que antes eram guerreiros  
E que agora vão servir  
À sanha dos fazendeiros.

As etnias e as crenças  
São assim amalgamadas  
E a cultura popular  
Vai recebendo camadas,  
Que em todos os segmentos  
Até hoje são notadas.

Eis um resumo apressado,  
Contudo bem consistente  
Para mostrar que a arte  
Não brota espontaneamente,  
E com o nosso cordel  
Também não é diferente.

No Brasil colonial  
Um embrião já havia  
Do cordel na conhecida  
Tradicional poesia,  
Ou mesmo na catequese  
Que a Igreja promovia.

Excertos da tradição  
Que no cordel se encerra  
Estão na obra do vate  
Gregório de Matos Guerra,  
Que foi o maior dos sátiros  
A habitar esta Terra.

Já no século XIX,  
No Brasil imperial,  
Resistia a escravidão  
Um desnecessário mal.  
Esse regime abjeto  
Na pena teve um rival.

Foi o bardo Castro Alves,  
Grande poeta baiano,  
Que na arte que abraçou  
No Brasil é soberano,  
Lutando contra a injustiça,  
No verso se fez arcano.

O grande Gonçalves Dias,  
Dos termos do Maranhão,  
Compôs na velha linguagem  
Sextilhas de Frei Antão.  
Portanto, também está  
Na linha de evolução.

Porém é da pequenina  
Paraíba o privilégio  
De ver nascer o poeta  
Que empunha o cetro régio  
Da poesia do povo,  
Templo majestoso, egrégio.

Leandro Gomes de Barros  
É o nome do menestrel  
Que deu forma e deu essência  
Ao que chamamos cordel,  
Que da tradição oral  
Migrava para o papel.

Grande poeta satírico  
E lírico maravilhoso,  
Escreveu obras eternas  
Como *O Boi Misterioso*,  
E *A Donzela Teodora*,  
De modo criterioso.

De sua lavra saíram  
*O Reino da Pedra Fina*  
Também *O Príncipe e a Fada*,  
Que são *Baman e Gercina*   
E o clássico inigualável  
Chamado *Alonso e Marina*.

Outro grande pioneiro  
É Silvino Pirauá,  
E entre ele e Leandro  
Sempre se perguntará  
Quem foi que editou primeiro,  
E a dúvida persistirá.

Pirauá era de Patos  
E Leandro de Pombal.  
Ambos vão para o Recife  
E lá se encontram afinal,  
Onde Pirauá se mostra  
Um cantador genial.

Pirauá introduziu  
Na cantoria a sextilha,  
Também inventou a deixa,  
Que foi uma maravilha.  
É por isso que seu nome  
Entre os pioneiros brilha.

*O Capitão do Navio*  
É a ele atribuído  
E *Zezinho e Mariquinha*,  
Outro folheto querido,  
Da memória popular  
Nunca mais foi esquecido.

Também entre os pioneiros  
Deve ser mencionado  
José Galdino, o Zé Duda,  
Poeta bem inspirado,  
Repentista e de bancada,  
Nos dois gêneros, afamado.

E Pacífico Pacato  
Cordeiro Manso também  
Um poeta alagoano,  
Que nunca usou de desdém,  
Foi um poeta-repórter  
Como os que hoje inda tem.

João Melquíades Ferreira  
Dedicou-se à cantoria  
E no cordel escreveu  
*O Valente Zé Garcia*.  
Severino Milanês  
Versava com maestria.

E João Martins de Athayde  
No cordel foi professor.  
Quando Leandro morreu,  
Ele tornou-se editor,  
Comprando a obra do mestre  
Por irrisório valor.

E por quase trinta anos  
Escreveu e editou.  
Delarme, um jovem tipógrafo,  
Que Athayde contratou,  
Aprendeu tanto a lição  
Que ao próprio mestre ensinou.

Em Recife, onde Leandro  
Antes se havia instalado,  
Athayde radicou-se  
Como editor afamado,  
Até por Mário de Andrade  
Foi bastante elogiado.

Porém, antes de Athayde,  
Na Parahyba do Norte,  
Francisco Chagas Batista  
Ao cordel dava suporte,  
Transformando Guarabira  
Num centro difusor forte.

Compôs com Leandro a gesta  
Do grande Antônio Silvino,  
Que antes de Lampião -  
Batizado Virgulino -  
Tonou-se o mais afamado  
Cangaceiro nordestino.

Chagas Batista, porém,  
Sobressaiu-se aos seus pares  
Quando escreveu *Cantadores  
E Poetas Populares*,  
Que como estudo se mostra  
Grande entre seus similares.

José Camelo de Melo  
Foi poeta imaginoso.  
É o autor do *Romance  
Do Pavão Misterioso*,  
*O Bom Pai e o Mau Filho*,  
Outro clássico valoroso...

*A Verdadeira História  
De Joãozinho e Mariquinha*,  
*Coco Verde e Melancia*,  
Também *Pedrinho e Julinha*.  
Poeta igual Zé Camelo  
Naquele tempo não tinha.

Joaquim Batista de Sena  
No verso foi magistral,  
Era um editor regido  
Pelo espírito fraternal.  
*A Filha Noiva do Pai*  
É um título genial.

Neste momento voltamos  
A falar de Athayde,  
Que no final dos 40,   
Já alquebrado, decide  
Vender a José Bernardo  
Os frutos de sua lide.

José Bernardo da Silva,  
Um grande empreendedor,  
Que em Juazeiro do Norte  
Tornar-se-ia editor,  
Pois era de Padre Cícero,  
Um sincero seguidor.

Zé Bernardo, alagoano  
Radicado em Juazeiro  
Com sua tipografia   
Naquele grande celeiro  
Tornou-se uma referência  
Para o cordel brasileiro.

Mesmo no Norte, o cordel  
Teve um momento brilhante  
Com a célebre Guajarina  
Fundada por um migrante  
Nordestino no Pará,  
Num tempo que vai distante.

Francisco Lopes, nascido  
No solo pernambucano,  
Em Belém, na Guajarina,  
Já no décimo quarto ano  
Do século que se findou,  
Foi quem reinou soberano.

No Norte editou folhetos  
Do poeta genial  
Piauiense, Firmino  
Teixeira do Amaral,  
Que nas pelejas forjadas  
Jamais encontrou rival.

Pois colocou frente a frente  
Num incrível baticum  
O Cego Aderaldo com  
Zé Pretinho do Tucum,  
Mas sendo este fictício,  
Foi um duelo incomum.

Luís da Costa Pinheiro  
É outro bardo editado  
Em Belém por Chico Lopes,  
E até hoje é procurado  
Seu romance *O Papagaio  
Misterioso* falado.

Manoel Camilo dos Santos  
Também se destacaria  
Em Guarabira e Campina,  
Na Estrella da Poesia;  
*O país São Saruê*   
Descreveu com galhardia.

Em Recife inda surgiu  
Outra editora de porte  
Porque João José da Silva  
Dirigiu e deu suporte  
À tipografia que  
Chamou Luzeiro do Norte.

Poetas dos mais famosos  
Nela foram publicados.  
José Camelo de Melo,  
Dos mais reverenciados,  
Na Casa de João José  
Teve livros editados.

Severino Borges Silva  
Compôs obras geniais.  
*O Verdadeiro Romance  
Do Herói João de Calais*  
Deixou seu nome gravado  
No Livro dos Imortais.

Inda é autor d’*A Princesa  
Do reino do Mar Sem Fim*.  
Caetano Cosme da Silva,  
Guiado por Eloim,  
Fez *O Assassino da Honra  
Ou A Louca do Jardim*.

Manoel Pereira Sobrinho  
Teve grande projeção,  
Pois *Dimas e Madalena*,  
*Rosinha e Sebastião*  
E *Helena, a Virgem dos Sonhos*,  
Entre os clássicos estão.

Vamos citar Zé Faustino,  
Apolinário Pereira  
Severino Milanês  
E Cirilo de Oliveira,  
Manoel Cândido da Silva,  
Trovadores de primeira.

Mas o cordel vicejou  
Muito além da Paraíba,  
Pois em Sergipe há nomes  
Que nem o tempo derriba   
Como Sátyro Xavier  
E o Trovador Cotinguiba.

Do imortal Zé Pacheco  
Consta no nosso caderno  
*A Princesa Rosamunda*.  
E outro clássico eterno  
É o folheto *A Chegada  
De Lampião no Inferno*.

Francisco Sales Arêda  
Jamais fez um verso à toa   
Versou sobre Malazarte  
E fez com prosódia boa  
*O Romance de João Besta  
E a Jia da Lagoa*.

Já João Ferreira de Lima  
Fez história no sertão.  
*As Proezas de João Grilo*,  
Sua maior criação,  
Se situa ao lado de  
*José de Souza Leão*.

Na Paraíba nascido,  
Em Sergipe radicado,  
Manoel D'Almeida Filho  
Sempre é reverenciado,  
Como um dos grandes valores  
Que editaram no passado.

À Editora Luzeiro  
Servia de consultor,  
Vendeu milhões de exemplares,  
Como grande trovador,  
E é referência pra muitos  
Que admiram seu valor.

A Luzeiro a quem Almeida  
Dedicou o seu talento,  
Surgiu em 73,  
Mas foi um desdobramento  
Da Editora Prelúdio,  
Nascida noutro momento.

A Tipografia Souza  
Por um português fundada   
Em Editora Prelúdio  
Nos 50 é transformada.  
Arlindo Pinto de Souza  
Lidera a nova empreitada.

Com Antônio Teodoro  
Dos Santos cresce o cordel  
Na capital bandeirante,  
Cumprindo um outro papel,  
Diferente no formato,  
Mas à essência fiel.

Teodoro era baiano,  
Assim como Minelvino,  
Que vê sua obra no centro  
Editorial sulino  
Alçar voo considerável,  
Além do chão nordestino.

De Alagoas pra Bahia  
Vem Rodolfo Cavalcante.  
Era poeta de méritos,  
Porém nunca foi brilhante,  
Mas como líder da classe  
Foi ele o mais importante.

Organizando congressos,  
Criando agremiações,  
Rodolfo batalhou sempre  
Por melhores condições  
Pra os poetas que inda hoje  
Aplaudem suas ações.

Citemos Antônio Eugênio,  
Por dever e por estima,  
O grande Apolônio Alves  
E Natanael de Lima,  
Que ao lado dos outros mestres  
Estão no andar de cima.

Cuíca de Santo Amaro  
Foi um mau versejador,  
Sempre de fraque e cartola,  
Nas ruas de Salvador,  
Fez do sensacionalismo  
O seu mote propulsor.

Grande poeta e xilógrafo  
É mestre Enéias Tavares,  
Também Cícero Vieira,  
Entre os vates populares,  
Escreveu obras de peso,  
Que inda vendem aos milhares.

Dos xilógrafos que escrevem,  
Dila se inclui entre os tais,  
J. Borges em Bezerros  
É conhecido demais.  
Antônio Lucena dorme  
O sono dos imortais.

Já João Firmino Cabral,  
Poeta conceituado,  
Por Gregório Nicoló  
Na Luzeiro é editado.  
E de Manoel D'Almeida  
É seguidor declarado.

Desta geração lendária  
Brilha Manoel Monteiro.  
Mestre Azulão é arauto  
Lá no Rio de Janeiro,  
Costa Leite é xilógrafo  
Famoso no mundo inteiro.

Em São Paulo Jota Barros  
Foi peça muito importante;  
Em Patos, Antônio Américo  
É verdadeiro gigante.  
Na Bahia, Antônio Alves  
É estrela fulgurante.

Também Gonçalo Ferreira,  
Unindo a experiência  
Ao saber adquirido  
E à inata inteligência,  
Divulga nos seus folhetos  
Informação e ciência.

Preside a Academia  
Brasileira de Cordel -  
Por sigla ABLC -  
Recanto do menestrel,  
Onde todos são bem vindos,  
Do mascate ao bacharel.

Filho de Francisco Chagas,  
Pioneiro cordelista,  
Em Anápolis reside  
O Paulo Nunes Batista,  
Autor de *Zé Bico Doce*  
E brilhante ABCdista.

O cordel está presente  
No centro-sul do país  
Na arte de Cícero Pedro  
E do maranhense Assis,  
Costa Senna e Cacá Lopes,  
Fazendo o povo feliz.

Moreira de Acopiara  
É cordelista aclamado;  
E Sebastião Marinho,  
Paraibano arretado,  
Valdeck de Garanhuns,  
Mamulengueiro afamado.

Da novíssima geração  
Sobressaem no momento  
O jovem Jenerson Alves  
E Varneci Nascimento.  
Fazem crítica social,  
Com muito discernimento.

No Rio, Marcus Lucena  
É músico e cordelista;  
Bráulio Tavares, poeta,  
Escritor e ensaísta;  
Chico Salles faz cordel  
E é um grande sambista.

Marcelo Soares deve  
Ser citado com louvor,  
Porque no verso faz arte  
E na xilo é professor.  
Filho de José Soares,  
Respeitado trovador.

Fazendo história na terra  
Do velho cego Aderaldo,  
Surgiu a Tupynanquim  
Com elenco de respaldo:  
Rouxinol do Rinaré,  
Klévisson e Arievaldo.

O Evaristo Geraldo  
É irmão de Rinaré.  
No Ceará também brilham  
Gonzaga de Canindé,  
E Pedro Paulo Paulino,  
Em quem pomos muita fé.

Zé Maria em Fortaleza,  
Cordelista e cantador,  
Geraldo Amâncio Pereira  
Dispensa apresentador,  
O poeta Vidal Santos  
É outro batalhador.

O Rio Grande do Norte  
Volta a seus dias de glória,  
Pois lá Antônio Francisco  
Há anos já faz história  
E Luiz Campos também  
Traça bela trajetória.

Mas as mulheres também  
No cordel marcam presença:  
Maria Ilza Bezerra  
Escreve debate e pensa  
Como Clotilde Tavares,  
Que tem verve e tem sabença.

Duas outras editoras  
Fazem bonito papel:  
Queima-Bucha em Mossoró  
Dignifica o cordel;  
E a Coqueiro no Recife  
À nossa arte é fiel.

Já o autor deste folheto  
É natural da Bahia.  
O seu nome é Marco Haurélio,  
Um servo da poesia,  
Que em palestras e oficinas  
Aos mestres reverencia.

(Texto publicado na revista CULTURA CRÍTICA n° 6, da Apropuc-SP, 2º semestre de 2007)

***Marco Haurélio*** - Poeta popular, folclorista, autor de vários folhetos de cordel, com destaque para *Presepadas de Chicó e Astúcias de João Grilo*. É coordenador da Coleção Clássicos em Cordel da editora Nova Alexandria, e autor de *Contos folclóricos brasileiros, Contos e fábulas do Brasil*e *Breve história da Literatura de Cordel.*.